**QUERELAS SOBRE TERMOS E MÉTODOS ENTRE MÉDICOS EMPÍRICOS E MÉDICOS DOGMÁTICOS**

Mayoro Dia[[1]](#footnote-1)

**Resumo**

Este artigo busca estudar as querelas sobre os termos que opõem os médicos empíricos aos dogmáticos nos escritos de Galeno de Pérgamo. Essas querelas evoluem para o método a ser utilizado para tratar doenças entre os médicos empíricos e dogmáticos. Trata-se também de estudar estas mesmas querelas na filosofia, entre os céticos e os dogmáticos, nos escritos de Sexto Empírico.

**Palavras-chave**

“Epilogismo”, “analogismo”, medicina, empírico, dogmático, filosofia, cético, coisas visíveis, coisas invisíveis.

**Abstract**

In this article, it is a question of studying the quarrels over the terms opposing the empirical doctors to the dogmatic doctors in the writings of Galen of Pergamum. These quarrels evolve in the method to be used to treat diseases in empirical physicians and dogmatic physicians. It is also a question of studying the same quarrels in philosophy between skeptics and dogmatics in the writings of Sextus Empiricus.

**Keywords**

“Epilogism”, “analogism”, medicine, empirical, dogmatic, philosophy, skeptic, visible things, invisible things.

**Introdução**

Porque Galeno, no capítulo V de seu tratado *Des sectes pour les débutants* (Das seitas médicas para os iniciantes), insiste significativamente sobre a diferença entre o “analogismo” (ἀναλογισμός)[[2]](#footnote-2) na medicina dogmática e o “epilogismo” (ἐπιλογισμός) na medicina empírica? O exame desta questão nos permitirá fazer o balanço dos procedimentos lógicos empregados por esses médicos, particularmente sobre o “analogismo” e também o “epilogismo”, e contratar suas concepções etiológicas. Primeiro, explicaremos o uso desses termos, precisando seu significado e analisando os processos lógicos empregados por essas duas escolas médicas. Neste primeiro ponto, explicaremos também o próprio método médico de Galeno, constituído pelo procedimento racional dos dogmáticos e pela experiência dos empíricos. Por fim, mostraremos que este mesmo debate entre os médicos empíricos e dogmáticos surge também na filosofia, entre dogmáticos e céticos. Neste último ponto, faremos a distinção entre a “indicação” (ἡ ἔνδειξις)[[3]](#footnote-3) dos médicos dogmáticos e a dos metódicos.

Para esta intervenção, além de diferentes fontes secundárias extraídas de escritos de outros eruditos, escolhemos os escritos de Galeno de Pérgamo e Sexto Empírico como fontes principais do corpus deste trabalho:

-Galeno. *Des sectes pour les débutants*, capítulo V[[4]](#footnote-4).

-*Sexto Empírico. Esquisses pyrrhoniennes*, livro II, capítulo 10, parágrafos 97-102[[5]](#footnote-5).

**Apresentação das fontes da polêmica entre as duas escolas médicas**

Galeno explica as críticas formuladas pelos dogmáticos contra a experimentação dos empíricos da seguinte forma: “(…) elle est absolument incohérente et (…) n’est pas capable de faire la moindre découverte”, “(…) il n’est pas absolument impossible que l’expérimentation découvre quelque chose, mais qu’elle ne soit pas capable de s’appliquer à tout”. On lui reproche aussi “(…) d’être indéfinie, longue et (…) dépourvue de méthode”[[6]](#footnote-6). O capítulo V, portanto, expõe muito claramente o conflito na medicina entre a abordagem dogmática, que usa o “analogismo”, e a abordagem empírica, que usa o “epilogismo”.

**O “analogismo” dogmático versus o “epilogismo” empírico na medicina**

O capítulo V do tratado *Des sectes pour les débutants* focaliza o debate nos pontos que diferenciam a medicina empírica da medicina dogmática. Um desses pontos incide sobre a distinção entre o “analogismo” e o “epilogismo”. Tentaremos explicar brevemente esses dois termos. De fato, os dogmáticos usam o “analogismo”, inferindo coisas aparentes para descobrir coisas ocultas, por exemplo, as causas e a natureza de uma doença. Para tal, eles se fundamentam na “razão” (ὁ λόγος).

Mas, a fim de evitar o emprego dos termos ἀναλογισμός e λόγος, caro aos dogmáticos para encontrar curas eficazes para doenças, os empíricos usam o termo “epilogismo”, que se refere unicamente a coisas aparentes a fim de encontrar curas eficazes para doenças. Assim, no debate entre empíricos e dogmáticos, compreende-se, segundo os empíricos, que não basta observar racionalmente[[7]](#footnote-7) algo em um laboratório para entender sua natureza e virtudes; em outras palavras, não basta examinar um fruto para saber se este é prejudicial ou benéfico. Pode-se compreender a natureza e virtudes de um fruto através da experiência cotidiana. Para os empíricos, seria uma perda de tempo e energia querer sempre conhecer as coisas prejudiciais e benéficas examinando sua natureza. Nem sempre é necessário inferir as coisas ocultas a partir das coisas manifestas, pois suas propriedades podem ser deduzidas diretamente da experiência (*De l’expérience médicale*, pp. 143-147). Existe assim dois tipos de “raciocínio”: um vai do visível ao invisível, chamado “analogismo” ou “método racional”; o outro trata do visível, chamado “epilogismo” (*De l’expérience médicale*, Dalimier, C., Levet, J.-P, et Pierre Pellegrin, Pellegrin, P., 1998, pp.188-204, 208-209).

Os empíricos rejeitam completamente o “analogismo” e argumentam que este “raciocínio” está na raiz da divergência entre os próprios dogmáticos, pois cada dogmático defende uma opinião que se opõe à dos outros. Não há unanimidade e uniformidade entre eles, mas sim confusão e dúvida, o que leva a maus resultados. Razão pela qual os empíricos se apoiam sobre o “epilogismo” – uma conclusão ou raciocínio universalmente aceito e utilizado que cria acordo e uniformidade.

Segundo os dogmáticos, é preciso por vezes a ajuda da “razão” para organizar, classificar e limitar as variedades quase infinitas de coisas, tais como doenças e sintomas (*De l’expérience médicale*, pp. 132-134). No entanto, os empíricos não afirmam serem totalmente opostos à “razão”, pois a utilizam as vezes. De fato, eles concordam em considerar “as causas evidentes” de doenças, tais como fatiga, queimaduras de sol e indigestão (*De l’expérience médicale*, pp. 136-137)[[8]](#footnote-8). Tal abordagem empírica está longe de ser irracional, mesmo que não favoreça a abordagem puramente racional dos dogmáticos. Ao contrário, eles admitem que a “razão” usada para inferir as coisas ocultas das coisas aparentes pode levar à descoberta de algo, mas negam que isso possa levar à descoberta de tudo (*De l’expérience médicale*, pp. 149-150). Ademais, eles sustentam que a “razão” não é nem uniforme nem universal (*De l’expérience médicale*, p. 152) e que existe uma diversidade de opiniões entres os próprios dogmáticos sobre as mesmas coisas, por exemplo, sobre doenças e medicamentos, enquanto o método pela experiência é o único que resta, pois se baseia nas coisas aparentes. Dizendo isto, estão se opondo à crítica de dogmáticos como Asclepíades e Erasístrato. De fato, estes últimos criticam a “experimentação” (τὴν ἐμπειρίαν), afirmando que ela é “inconsistente”, “imperfeita” e que ela “não pertence à arte” (καὶ συστατικὴν καὶ αὐτάρκη καὶ τεχνικὴν, *Des sectes pour les débutants*, capítulo V, parágrafo 9; *De l’expérience médicale*, p. 160). A experimentação é, portanto, “insuficiente”, “inadequada”, “incerta” e “inconsistente”. Galeno comenta sobre a distinção que os empíricos fazem entre seu raciocínio e o dos dogmáticos da seguinte forma:

(…) c’est aussi en cela que le raisonnement empirique diffère du raisonnement dogmatique : l’un porte sur des choses évidentes, l’autre sur des choses non apparentes. Ils appellent le raisonnement qui leur est propre “épilogisme”, et celui des dogmatiques “analogisme”, ne voulant pas partager même leur terminologie[[9]](#footnote-9).

Falaremos agora muito brevemente sobre a aliança dos dois métodos médicos em Galeno: o dogmatismo e o empirismo. Uma vez que Galeno entende que cada um dos dois métodos médicos sozinhos são insuficientes para constituir a medicina, devido a seu “desacordo indecidível” (ἡ ἀνεπικριτός διαφωνία)[[10]](#footnote-10), ele acredita ser necessário combinar estes dois métodos médicos para constituir seu próprio método médico. Trata-se do método galênico. Mas, neste sentido, Galeno às vezes parece seguir mais de perto os médicos empíricos, que dão maior importância a experiência, que não necessariamente precisa-se da ajuda da “razão” para descobrir coisas, enquanto a “razão” necessita da ajuda da experiência. De fato, os empíricos afirmam que a “razão” por si só, não associada à experiência, introduz dúvidas e confusão que levam a discordâncias, enquanto a experiência direta certifica e assegura um claro conhecimento das coisas (*De l’expérience médicale*, pp. 180, 213-215).

Falaremos agora sobre a querela relatada por Sexto entre os filósofos sobre as coisas visíveis e invisíveis.

**A querela em filosofia sobre as coisas visíveis e invisíveis**

O segundo ponto desta intervenção diz respeito à querela instalada na filosofia entre os céticos, que se baseiam principalmente nas coisas aparentes evitando tomar uma posição firme sobre as coisas invisíveis, e os dogmáticos, que se baseiam tanto em coisas aparentes quanto em coisas ocultas. Sexto distingue duas categorias de coisas: as coisas manifestas, por exemplo, é dia; as coisas invisíveis (*Esquisses pyrrhoniennes*, livro II, capítulo 10, parágrafos 97-102). Mas quem são os dogmáticos dos quais ele fala? No trecho de *Esquisses pyrrhoniennes* (Hipotiposes Pirronianas), livro I, capítulo I, parágrafo 1-4, Sexto explica claramente a principal diferença entre as antigas escolas filosóficas: a filosofia dogmática, que afirma ter descoberto a verdade que busca; a filosofia acadêmica, que nega ter descoberto a verdade que busca, negando mesmo que ela possa ser apreendida (a verdade é elusiva); a filosofia cética, que continua sempre em busca da verdade. Neste parágrafo introdutório do livro I das *Esquisses pyrrhoniennes*, Sexto especifica esses filósofos dogmáticos adeptos de Aristóteles e Epicuro, os estóicos e alguns outros.

Entre as coisas invisíveis, ele distingue três: coisas que são completamente invisíveis, como saber o número de estrelas; coisas que ocasionalmente são invisíveis, como saber que existe uma cidade chamada Atenas mesmo que não possamos vê-la agora, que a fumaça é sinal de fogo, que a cicatriz é sinal de uma ferida; coisas que são invisíveis por natureza, como saber que os poros existem devido à presença do suor em nosso corpo, que os movimentos do corpo indicam a existência da alma.

Os céticos aceitam as coisas visíveis. Eles aceitam também as coisas ocasionalmente visíveis que podem ser descobertas com a ajuda de indícios memoriais, pois tais indícios fazem parte da vida diária a qual obedecem. Entretanto, eles se opõem aos sinais indicativos que os dogmáticos usam para encontrar coisas invisíveis por natureza. De fato, segundo os céticos, não há evidência de que tais sinais existam ou não[[11]](#footnote-11).

Incapazes de saber qual das filosofias dogmáticas conquista a verdade em seu “desacordo indecidível”, os céticos se encontram em um impasse. Razão pela qual preferem tomar uma posição neutra, simplesmente suspendendo seu julgamento e continuando a busca da verdade no lugar de dar informações firmes sobre se tais coisas existem ou não. Mas sua suspensão de julgamento não significa inação, pois agem sem apoiar opiniões e em estrita conformidade com as regras da vida cotidiana (*Esquisses pyrrhoniennes*, livro I, capítulo 11, parágrafos 23-24 e capítulo 34, parágrafos 237-239).

Tal reflexão dos céticos pode ser comparada à dos médicos empíricos que seguem coisas aparentes e ocasionalmente invisíveis, mas que se opõem às coisas invisíveis que podem ser descobertas pelo “analogismo” dos médicos dogmáticos (*Des sectes pour les débutants*, capítulo V, parágrafo 11)[[12]](#footnote-12). Assim, pode-se comparar o “analogismo” e a “indicação” dos médicos dogmáticos com os “sinais indicativos” dos filósofos dogmáticos. Pois ambas as escolas partem das coisas aparentes para descobrir as coisas invisíveis. Esta referência à “indicação” é muito importante, pois nos permite compreender esta noção que, segundo Sexto, é forjada pelos filósofos dogmáticos (*Esquisses pyrrhoniennes*, livro II, capítulos 10-11, parágrafos 99-134) e que encontramos nos médicos dogmáticos e metódicos (*Des sectes pour les débutants*, capítulos IV, VI). Os dogmáticos buscam o que está oculto, enquanto os metódicos se apoiam nas coisas aparentes e obtêm suas curas através da “indicação” que resume as doenças de uma maneira muito simples.

Com relação à “indicação”, vê-se que a “indicação” usada pelos médicos metódicos possui um significado diferente daquele empregado pelos médicos e filósofos dogmáticos (*Des sectes pour les débutants*, capítulo VII; *Esquisses pyrrhoniennes*, livro I, capítulo 34, parágrafos 236-241). Para os metódicos, a “indicação” diz respeito a três “comunidades gerais aparentes” (αἱ φαινόμεναι κοινότητες καθάλου) (*Des sectes pour les débutants*, capítulo VI). Eles resumem as diferentes doenças nessas três “comunidades gerais aparentes”: a doença constritiva, a doença relaxada e a doença mista ou misturada. Daí a abordagem metódica para o tratamento de doenças por opostos. Deve-se notar que, mesmo que os metódicos tratem das coisas aparentes como os empíricos, eles se opõem a estes pelo uso da “indicação”. Galeno explica assim as diferenças entre a escola médica dos metóticos e as outras escolas médicas:

Pourquoi donc ne se sont-ils pas appelés eux-mêmes dogmatiques, puisqu’ils se procurent les adjuvants par l’indication? Parce que, disent-ils, les dogmatiques recherchent l’invisible, alors que nous, nous nous occupons des apparences. (...) Donc, pour cette raison, ils demandent de n’être appelés ni dogmatiques, car, disent-ils, ils n’ont pas besoin de chose invisible comme eux, ni empiriques, car disent-ils, même s’ils s’occupent le plus possible de l’apparence, ils se séparent des empiriques par le recours à l’indication[[13]](#footnote-13).

**Conclusão:**

Em conclusão, pode-se dizer que as querelas permitiram aprofundar o pensamento na medicina e na filosofia. Através dessas disputas, os conceitos de escolas médicas e escolas filosóficas se desenvolveram e evoluíram. Estas querelas também tornaram as escolas de medicina e filosofia muito famosas. Dois grandes estudiosos da medicina e da filosofia, Galeno de Pérgamo e Sexto Empírico, escreveram sobre essas querelas e tomaram posições, como vimos em seus textos.

**Bibliografia:**

I. Textos: edições e traduções

SERBAT, G. *Celse.* *De Medicina*, *Prooemium*, tome I. Paris: C. U. F., 1995.

DALIMIER, C.; LEVET, J.-P; PELLEGRIN, P. *Galien.* *Traités philosophiques et logiques*. Paris: GF-Flammarion, 1998.

PELLEGRIN, P. *Sextus Empiricus.* *Esquisses pyrrhoniennes*. Bilingue grec – français. Paris: Éditions du Seuil, 1997.

II. Estudos sobre as escolas médicas antigas e sobre o ceticismo

ALLEN, J.. Pyrrhonism and Medical Empiricism: Sextus Empiricus on Evidence and Inference. *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt,* 37.1, 1993, pp. 646-690.

DEICHGRÄBER, K. *Die Griechische Empirikerschule*. Berlin: Weidmann, 1930.

FREDE, M.. The Method of the So-Called Methodical School of Medicine. In: BARNES, J.; BRUNSCHWIG, J. (ed.). *Science and Speculation*. Cambridge, 1982, pp. 1-23.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. The Empiricist Attitude towards Reason and Theory. In: *Method, Medicine and Metaphysics. Studies in the Philosophy of Ancient Science*, numéro spécial de la revue *Apeiron*, 1988.

GIOVACCHINI, J.. Le ‘dogmatisme négatif’ des médecins empiriques: Sextus et Galien à la recherche d’une médecine sceptique. *Le Scepticisme – Cahiers Philosophiques*, n°115, Octobre 2008, pp. 63-80.

PIGEAUD, J.. Les fondements du méthodisme. In: MUDRY, P.; PIGEAUD, J (éd.). *Les Écoles médicales à Rome.* Genève: Droz, 1991.

VALLANCE, J.. The Medical System of Asclepiades of Bithynia, *ANRW* II, 37, 1, 1994, pp. 693-727.

1. Professor Assistente – Universidade Cheikh Anta Diop de Dakar, Dakar, Senegal. E-mail: mayoro.dia@ucad.edu.sn. [↑](#footnote-ref-1)
2. Sobre o sentido da inferêcia, consultar o artigo de Allen, J., “Pyrrhonism and Medical Empiricism: Sextus Empiricus on Evidence and Inference”, *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt,* 37.1, 1993, pp. 646-690. [↑](#footnote-ref-2)
3. Em relação à “indicação”, leia esta passagem de Galeno, *Des sectes pour les débutants,* capítulo IV, parágrafo 7, tradução de Pellegrin, P., 1998, p. 70. Ἀφ’ ὧν δὲ ἡ ἔνδειξις τοῦ συμφέροντος τοῖς δογματικοῖς, ἀπὸ τούτων ἡ τήρησις τοῖς ἐμπειρικοῖς. “Ce à partir de quoi l’indication de ce qui est profitable advient pour les dogmatiques, à partir de cela l’observation de ce qui est profitable advient pour les empiriques”. [↑](#footnote-ref-3)
4. Remetemos nossos leitores também à tradução feita por Dalimier, C., Levet, J.-P. et Pellegrin, P. *Galien. Traités philosophiques et logiques*. Paris, GF-Flammarion, 1998, *Des sectes pour les débutants*, chap. V, pp. 72-75. [↑](#footnote-ref-4)
5. Remetemos nossos leitores também à tradução feita por Pellegrin, P. 1997. *Sextus Empiricus. Esquisses pyrrhoniennes*. Bilingue grec – français, Paris, Éditions du Seuil, livre II, chapitre 10, paragraphes 97-102, pp. 255-259. [↑](#footnote-ref-5)
6. Traduzido de *Des sectes pour les débutants*, capítulo V, parágrafo 9: (…) παντάπασιν αὐτὴν ἀσύστατον εἶναι (…) μηδέ τι σμικρότατον εὑρεῖν οὖσαν ἱκανήν (…) οὐκ ἀδύνατον μὲν αὐτὴν τὸ παράπαν εὑρίσκειν, οὐ μὴν εἰς ἅπαντά γε ἱκανὴν εἶναι (…) τὰ δὲ, τῶν μὲν τοιαῦτα συγχωρούντων εὑρίσκεσθαι διὰ τῆς ἐμπειρίας, αἰτιωμένων δὲ αὐτῆς τὸ ἀπεριόριστόν τε καὶ μακρὸν, καὶ, ὡς αὐτοί φασιν, ἀμέθοδον (…). [↑](#footnote-ref-6)
7. Sobre a relação entre os médicos empíricos e as duas noções de razão e teoria, cf. Frede, M., “The Empiricist Attitude towards Reason and Theory”, *Method, Medicine and Metaphysics. Studies in the Philosophy of Ancient Science*, número especial da revista *Apeiron*, 1988. [↑](#footnote-ref-7)
8. Com respeito ao uso da “rezão” entre médicos empíricos, ver Celso, *De Medicina, Prooemium*, 38:

*Neque enim se dicere, concilio medicum non egere, et irrationale animal hanc artem posse praestare; sed has latentium rerum conjecturas ad rem non pertinere; quia non intersit, quid morbum faciat, sed quid tollat, neque quomodo, sed quid optime digeratur.*

“Les empiriques ne prétendent pas, disent-ils, qu’un médecin n’a pas besoin de réflexion (*consilio*), et qu’un être dénué de raison peut exercer cet art; mais que ces conjectures sur des choses cachées sont hors du sujet parce qu’il n’est pas utile de savoir ce qui provoque la maladie, mais ce qui la fait disparaître; il importe non de savoir comment on digère, mais ce que l’on digère le mieux”. Tradução por Serbat, G. *Celse. De Medicina*, *Prooemium*, tome I. Paris, C. U. F., 1995. [↑](#footnote-ref-8)
9. *Esquisse empirique*, capítulo VII, parágrafo 62, traduzido por Dalimier, C., Levet, J.-P. et Pellegrin, P. 1998, p. 108. [↑](#footnote-ref-9)
10. *Esquisses pyrrhoniennes***,** livro II, parágrafos 19, 32-33, 49-50, 56-58, 85, 113, 116). Ver Dalimier, C., Levet, J.-P. et Pellegrin, P. 1998, p. 75, nota 1: “ “Que não pode ser resolvido” traduz ἀνεπίκριτον, termo usado pelos céticos para designar uma linha de raciocínio, um argumento no qual não se pode pensar a favor de uma solução em detrimento de outra”. Estas duas palavras gregas (ἀνεπίκριτος διαφωνία) são traduzidas como: “Uma divergência que não pode ser resolvida”. [↑](#footnote-ref-10)
11. *Esquisses pyrrhoniennes*, livro II, capítulo 10, parágrafos 100-101. [↑](#footnote-ref-11)
12. Sobre a aproximação entre os médicos empíricos e os céticos, ver Galeno. *Esquisse empirique*, parágrafos 82-83, tradução por Dalimier, C., Levet, J.-P. et Pellegrin, P., 1998, 121: “Ainsi l’empirique ne fera de discours ni nombreux ni longs, mais ses propos seront courts et rares, comme c’était le cas de Pyrrhon le sceptique, qui, recherchant la vérité et ne la trouvant pas, restait dans l’incertitude sur toutes les choses non manifestes et qui, dans ses actions de tous les jours, suivait l’évidence, alors qu’il restait dans l’incertitude pour tout le reste. L’attitude du sceptique face à la totalité de la vie, telle est l’attitude de l’empirique concernant la médecine: il ne manque pas de réputation, mais il n’est pas arrogant, homme non [83] apprêté et se tenant à l’écart de la vaine gloire, comme, au dire de Timon, a été Pyrrhon”. (Assim, o empírico não fará discursos, nem numerosos nem longos, mas suas palavras serão curtas e raras, como foi o caso de Pirro, o cético, que, buscando a verdade e não encontrando-a, permaneceu na incerteza sobre todas as coisas que não se manifestavam, e que, em suas ações cotidianas, seguiu o óbvio, enquanto permaneceu na incerteza sobre tudo mais. A atitude do cético diante da totalidade da vida, tal é a atitude do empírico em relação à medicina: não lhe falta reputação, mas ele não é arrogante, um homem despretensioso, à margem da glória vã, como, segundo Tímon, era Pirro.) Sobre esta aproximação, ver também o excelente artigo de Giovacchini, J. “Le “dogmatisme négatif” des médecins empiriques: Sextus et Galien à la recherche d’une médecine sceptique”, *Le Scepticisme – Cahiers Philosophiques*, n°115, Octobre 2008, pp. 63-80. [↑](#footnote-ref-12)
13. Traduzido de *Des sectes pour les débutants*, capítulo VI, parágrafos 13-14 :

Tί οὖν δὴ οὐχὶ δογματικοὺς ἑαυτοὺς ἐκάλεσαν, ἐνδείξει τὰ βοηθήματα ποριζόμενοι; διότι, φασὶν, οἱ δογματικοὶ τὸ ἄδηλον ἐρευνῶσιν, ἡμεῖς δὲ ἐν τοῖς φαινομένοις διατρίβομεν. (…) Διὰ ταῦτα δὴ καὶ ἀξιοῦσι, μήτε δογματικοὶ καλεῖσθαι, μὴ γὰρ δεῖσθαι τοῦ ἀδήλου, καθάπερ ἐκεῖνοι, μήτε ἐμπειρικοὶ, κᾂν ὅτι μάλιστα περὶ τὸ φαινόμενον διατρίβωσιν, τῇ γὰρ ἐνδείξει κεχωρίσθαι αὐτῶν. οὐ μὴν ἐν αὐτῷ τῷ τρόπῳ τῆς περὶ τὸ φαινόμενον διατριβῆς ὁμολογεῖν ἑαυτούς φασι τοῖς ἐμπειρικοῖς. ἐκείνους μὲν γὰρ ὡς ἀγνώστων ἀποχωρῆσαι τῶν ἀδήλων, ἑαυτοὺς δὲ ὡς ἀχρήστων· καὶ τοὺς μὲν ἐμπειρικοὺς τήρησιν ἐπὶ τοῖς φαινομένοις, αὑτοὺς δὲ ἔνδειξιν ἔχειν. Sobre os médicos metódicos, ver Frede, M., “The Method of the So-Called Methodical School of Medicine”, *Science and Speculation*, Barnes (ed.), Cambridge, Brunschwig, 1982, pp. -Pigeaud, J., “Les fondements du méthodisme”, *Les Écoles médicales à Rome,* P. Mudry et J. Pigeaud (éd.), Genève, Droz, 1-23. Sobre Asclepíades, considerado um dos fundadores desta escola médica, ver Vallance, J., “The Medical System of Asclepiades of Bithynia”, *ANRW* II, 37, 1, 1994, pp. 693-727. [↑](#footnote-ref-13)